



1- EXPANSÃO RÁPIDA DA MAXILA EM UM PACIENTE COM TRISSOMIA DO CROMOSSOMO 21: RELATO DE CASO

Ana Beatriz de Oliveira

Aluna de graduação do curso de Odontologia do Instituto de Saúde de Nova Friburgo da Universidade Federal Fluminense.

Aelyzza Antônio Simas

Aluna de graduação do curso de Odontologia do Instituto de Saúde de Nova Friburgo da Universidade Federal Fluminense.

Flávia da Costa Rosa

Professora voluntária da Liga Acadêmica Multiprofissional de Apoio à Pacientes com Necessidades Específicas - LAMPNE, Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense.

Camila da Silveira Massaro

Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Odontologia, Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense.

Daniela Gamba Garib Carreira

Professora Titular de Ortodontia da Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo.

Bruna Lavinias Sayed Picciani

Professora do curso de Odontologia e presidente da Liga Acadêmica Multiprofissional de Apoio à Pacientes com Necessidades Específicas - LAMPNE, Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense.

E-mail para correspondência: Anabo@id.uff.br

A deficiência transversal da maxila e a mordida cruzada posterior são achados comuns em pacientes com Trissomia do cromossomo 21 (T21). Nesse contexto, a expansão rápida da maxila (ERM) apresenta-se como uma opção bastante eficaz para o tratamento interceptivo das discrepâncias transversais. Diferentes desenhos de expansores encontram-se disponíveis para a realização da ERM, incluindo o expansor com abertura diferencial (EAD). Portanto, o objetivo deste trabalho foi ilustrar os resultados da ERM com o EAD em um paciente com T21 na dentadura mista. Paciente do sexo masculino, 8 anos de idade, acompanhado na clínica de Odontologia para Pacientes com Necessidades Especiais (OPNE) do Instituto de Saúde de Nova Friburgo da Universidade Federal Fluminense, com T21, discrepância transversal e falta de espaço no arco superior. Foi planejada a ERM com o EAD. Após a fase ativa da expansão, o expansor foi mantido em posição por 6 meses, e então substituído por uma contenção fixa no arco superior. A disjunção maxilar proporcionou um aumento na largura e no perímetro do arco superior, importante para o desenvolvimento da oclusão e para melhora na relação transversal entre os arcos dentários. Ademais, o paciente foi submetido à fonoterapia para trabalhar a hipotonia muscular, destacando a importância do tratamento multidisciplinar na abordagem dos pacientes com T21. Os resultados obtidos com a ERM proporcionaram expressiva satisfação para a equipe de profissionais responsáveis pelo caso, assim como para o paciente e sua família. CEP: 5.603.099.

Palavras-chave: Odontologia; Pessoas com deficiência; Técnica de Expansão Palatina; Trissomia do 21;



2- DESENSIBILIZAÇÃO EM PACIENTE COM AUTISMO E TRANSTORNO OPOSITOR DESAFIADOR PARA O TRATAMENTO ORTODÔNTICO: RELATO DE CASO

Vitória Moura Diniz Adame

Aluna de graduação do Instituto de Saúde de Nova Friburgo - Universidade Federal Fluminense

Leticia Victoria Gonçalves de Mattos

Aluna de graduação do Instituto de Saúde de Nova Friburgo - Universidade Federal Fluminense

Yhasmin Guilhermina Moraes

Aluna de graduação do Instituto de Saúde de Nova Friburgo - Universidade Federal Fluminense

Bruna Lavinias Sayed Picciani

Professora da Liga Acadêmica Multiprofissional de Apoio à Pacientes com Necessidades Específicas - LAMPNE, Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense.

Flávia da Costa Rosa

Professora voluntária da Liga Acadêmica Multiprofissional de Apoio à Pacientes com Necessidades Específicas - LAMPNE, Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense.

Daiana Barrozo dos Reis

Professora voluntária da Liga Acadêmica Multiprofissional de Apoio à Pacientes com Necessidades Específicas - LAMPNE, Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense.

E-mail para correspondência: vitoriaadame@id.uff.br

O Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD), é uma condição que atinge o aspecto comportamental onde o paciente apresenta irritabilidade, comportamentos negativistas e desafiadores. O TOD pode ser associado ao Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), sendo desafiador atender pacientes com estes quadros. O objetivo deste relato é demonstrar um caso onde a partir da Dessensibilização orientada pela terapeuta ocupacional e psicóloga, conseguimos construir uma relação com paciente para o Tratamento Ortodôntico. Paciente, sexo masculino, 9 anos de idade diagnosticado com TOD e TEA, foi encaminhado pela fonoaudiologia para Clínica de Ortopedia Funcional do ISNF UFF, devido a projeção dos anteriores superiores gerando dificuldade na alimentação e fala. Ao exame intraoral observa-se paciente classe II com overjet acentuado. Na primeira consulta, o paciente manteve-se irritado, com ecolalia, sendo agressivo. Diante do comportamento e da necessidade de tratamento foi proposto mecânica fixa 4x2. Foi decidido criar um grupo com os terapeutas e com a responsável para dessensibilizar o paciente para a instalação do aparelho. A família trabalhava com o paciente materiais odontológicos estruturados, sendo marcado a primeira abordagem no espaço de terapias do paciente, onde a dentista realizou o exame e profilaxia dentária, utilizando o pêndulo e a piscina de bolinhas para regulação. Na clínica, o paciente iniciou o trabalho de conhecimento do bracket com uso de reforço positivo. Apesar do paciente ainda apresentar comportamento hostil, o mesmo já está em fase de mecânica ortodôntica. Conclui-se que a dessensibilização multiprofissional e o apoio da família podem possibilitar o tratamento ortodôntico. Cep: 5.763.405

Palavras-chave: Transtorno Opositivo-Desafiador; Transtorno do Espectro do Autismo; Reforço Positivo.



3- ANÁLISE CLÍNICA ANTES E APÓS O USO DA PLACA PALATINA DE MEMÓRIA EM PESSOAS COM TRISSOMIA DO 21

Carolina Montechiari Lobosco

Aluna de mestrado do curso de Clínica Odontológica do Instituto de Saúde de Nova Friburgo da Universidade Federal Fluminense

Natasha Ferreira Roltenver do Nascimento

Aluna de mestrado do curso de Clínica Odontológica do Instituto de Saúde de Nova Friburgo da Universidade Federal Fluminense

Aelyzza Antonio Simas

Aluna de graduação do curso de odontologia do Instituto de Saúde de Nova Friburgo da Universidade Federal Fluminense

Natália Veiga de Souza

Aluna de mestrado do curso de Clínica Odontológica do Instituto de Saúde de Nova Friburgo da Universidade Federal Fluminense

Daiana Barroso dos Reis

Professora Voluntária da Liga Acadêmica Multiprofissional de apoio à Pacientes com Necessidades Específicas -LAMPE, Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense

Bruna Lavinias Sayed Picciani

Programa de Pós-Graduação em Odontologia, Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense

E-mail para correspondência: carolinamontechiari@id.uff.br

Pessoas com Trissomia do 21 (T21) apresentam alterações orofaciais devido à hipotonia muscular. A placa palatina de memória (PPM) age na hipotonia labial e lingual, promovendo o selamento labial e reposicionando a língua. Objetivamos analisar as alterações clínicas e a percepção dos responsáveis, de crianças com T21 após uso da PPM. A amostra foi constituída por crianças com diagnóstico de T21 e seus responsáveis, provenientes da clínica de Ortopedia Funcional dos Maxilares da UFF. Foram aplicados questionários para coleta de dados, realizado exame físico extra e intraoral, percepção dos cuidadores primários em relação a posição habitual de lábio e língua e satisfação com o tratamento, e registro em vídeo para avaliar as mudanças na hipotonia labial e lingual. Após 4 meses as crianças foram reavaliadas. Foram avaliadas 15 crianças onde o sexo masculino prevaleceu com 66% dos casos e a idade variou de 8 a 43 meses, todos os participantes realizaram tratamento fonoaudiólogo. A mãe foi estabelecida como cuidadora primária em 100% dos casos, a percepção foi boa da cuidadora primária em relação à postura de lábio e a posição de língua após o uso da PPM. Na análise de tempo da posição habitual de lábio e língua observou-se melhora estatisticamente significativa. Conclui-se que a PPM apresenta efetividade na hipotonia labial e lingual de crianças com T21, em média com 26 meses de idade, sendo observado o benefício da PPM pela cuidadora que está satisfeita com o tratamento, assim como, pelo profissional. CEP: Número do Parecer-5.603.099

Palavras-chave: Síndrome de Down; Trissomia do 21; Hipotonia muscular; Placa Palatina de Memória; Terapia de Regulação Orofacial.



4- AVALIAÇÃO DA SEDAÇÃO ORAL EM PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Breno Maia Mariz Plaisant

Acadêmico do Curso de Odontologia e Bolsista PIBIC do Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense

Marcelo Viégas Vieira

Acadêmico do Curso de Odontologia do Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense

Milena Tissi Fonseca Vieira

Acadêmica do Curso de Odontologia do Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense

Pedro Fernandes de Souza Lima

Acadêmico do Curso de Odontologia e Bolsista PIBIC do Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense

Yasmim Busquet de Carvalho

Acadêmica do Curso de Odontologia e Bolsista PET Odontologia do Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense

Bruna Lavinias Sayed Picciani

Programa de Pós-Graduação em Odontologia, Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense

E-mail para correspondência: brenomaia@id.uff.br

Avaliar a efetividade e a segurança da sedação oral em pacientes com transtorno do espectro do autismo (TEA). A amostra foi constituída de prontuários de pacientes com TEA, de ambos os sexos, com idade entre 3 e 11 anos provenientes da Clínica de Pacientes com Necessidades Específicas da Universidade Federal Fluminense, entre janeiro de 2023 a 2024, submetidos ao protocolo de sedação oral com 0,75mg/kg de midazolam, não ultrapassando 20mg, associado a 25mg de prometazina. Foram levantados nos prontuários dados demográficos, clínicos, procedimentos realizados, associação com óxido nitroso, uso de estabilização protetora, avaliação dos sinais vitais, intercorrência, tempo médio de sedação e a percepção do profissional quanto à resposta do paciente à sedação. A amostra foi constituída por 15 sedações, sendo o sexo masculino predominante com 80% dos casos, procedimentos cirúrgicos foram mais frequentes com 9 (60%) casos, a associação com óxido nitroso ocorreu em 2 (13%) sedações e a estabilização protetora foi utilizada em todos os casos. A média inicial e final da pressão arterial sistólica variou de 118 a 117 mmHg e a diastólica manteve-se em 83 mmHg, da frequência cardíaca 101 a 104 bpm, saturação de oxigênio 98 a 97%. Em 20% dos casos foi relatado êmese, com tempo médio de 39 minutos de sedação e 11 (73%) profissionais avaliaram a resposta à sedação como boa. Logo, a sedação oral com midazolam e prometazina foi eficiente e segura em pessoas com TEA possibilitando a realização dos procedimentos. CEP sob registro CAAE: 62415822.2.0000.8160.

Palavras-chave: Sedação Consciente; Transtorno do Espectro Autista; Ansiedade ao Tratamento Odontológico.



5- AVALIAÇÃO CLÍNICA INICIAL EM CRIANÇAS COM TRISSOMIA DO 21 COM INDICAÇÃO PARA O USO DA PLACA PALATINA DE MEMÓRIA

Natália Veiga de Souza

Aluna de mestrado do curso de Clínica Odontológica do Instituto de Saúde de Nova Friburgo da Universidade Federal Fluminense - UFF

Carolina Montechiari Lobosco

Aluna de mestrado do curso de Clínica Odontológica do Instituto de Saúde de Nova Friburgo da Universidade Federal Fluminense - UFF

Aelyzza Antônio Simas

Aluna de graduação do curso de odontologia do Instituto de Saúde de Nova Friburgo da Universidade Federal Fluminense - UFF

Natasha Ferreira Roltenver do Nascimento

Aluna de mestrado do curso de Clínica Odontológica do Instituto de Saúde de Nova Friburgo da Universidade Federal Fluminense - UFF

Bruna Lavinias Sayed Picciani

Docente do Programa de Pós-Graduação em Odontologia do Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense - UFF

E-mail para correspondência: nataliaveiga@id.uff.br

A Trissomia do 21 (T21) é uma alteração genética onde os pacientes apresentam uma variedade de alterações bucais como hipotonia de lábios e língua, atresia maxilar e palato profundo. Para a melhora das alterações é indicado o uso da Placa Palatina de Memória (PPM), um dispositivo ortopédico que estimula lábio e língua, gerando selamento labial e melhor postura lingual. O objetivo desse estudo foi avaliar os achados clínicos e identificar o perfil dos pacientes que são indicados para o uso da PPM. Esse estudo avaliou crianças com T21 de 8 meses a 4 anos de idade, de ambos os sexos, que procuraram atendimento no Serviço de Ortopedia Funcional para Pacientes com Necessidades Específicas ISNF/UFF. Foram coletados dados demográficos e clínicos tais como: sexo, idade, cuidador primário e sua percepção antes do tratamento e terapias adicionais. Somado a isso, foi realizado o exame físico extra e intraoral para avaliação da postura labial e lingual. Das 19 crianças, o sexo masculino prevaleceu, com 14 (74%) dos casos, a mãe foi estabelecida como cuidadora primária em 18 (95%) casos e todos participantes realizavam terapia fonoaudiológica. No exame físico observou-se que 9 (47%) casos apresentavam a língua posicionada entre os dentes e 14 (75%) dos casos apresentavam lábios abertos. Conclui-se que os pacientes com T21 que apresentam indicação para PPM são frequentemente do sexo masculino, em terapia fonoaudiológica, sendo a mãe a principal responsável. Somado a isso, apresentam postura labial e de língua inadequada. CEP: 5.603.099

Palavras-chave: Trissomia do 21; Hipotonia muscular; Placa palatina de memória; Síndrome de down.



6- PERFIL DE PACIENTES COM AUTISMO ATENDIDOS EM UM SERVIÇO UNIVERSITÁRIO ODONTOLÓGICO

Patrick Cardoso Squitino Mattos

Acadêmico do Curso de Odontologia e Bolsista da PROPI do Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense

Ana Beatriz Ribeiro Machado

Cirurgiã-Dentista formada pelo Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense

Pedro Fernandes de Souza Lima

Acadêmico do Curso de Odontologia e Bolsista PIBIC do Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense

Yngrid Cristina Oliveira da Silva

Acadêmica do Curso de Odontologia e Bolsista PIBIC do Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense

Diana Negrão Cavalcanti

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Inclusão (PGCTIn) da Universidade Federal Fluminense.

Bruna Lavinias Sayed Picciani

Programa de Pós-Graduação em Odontologia, Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense

E-mail para correspondência: patrickmattos@id.uff.br

O paciente com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no contexto odontológico, pode apresentar alterações bucais, estando relacionados com a dificuldade na higiene oral, seletividade alimentar e/ou ausência de profissionais qualificados para o atendimento. Este estudo tem como objetivo levantar informações dos pacientes com TEA atendidos em um serviço odontológico, para caracterizar as principais especificidades sensoriais. Os indivíduos foram submetidos à coleta de dados demográficos e clínicos. Para avaliação dos estímulos sensoriais, aplicou-se um questionário contendo perguntas sobre antecedentes terapêuticos e integração sensorial. Dos 32 participantes, a maioria era do sexo masculino (90%), cor de pele branca (84%) e faixa etária variando de 4 a 22 anos. Observou-se colaboração na higiene oral em 62% dos casos e somente 41% utilizava o fio dental. Na amostra, 59% não tinha acesso à terapia ocupacional, e 84% não apresentavam terapia sensorial em seus planos terapêuticos. Avaliações sensoriais revelaram sensibilidade à luz (32%), sons e ruídos (60%) e medo do som da caneta de alta rotação (29%). Seletividade alimentar foi identificada em 60% dos participantes, enquanto 68% demonstrou aversão ao toque físico. A movimentação do dentista não incomodou a maioria (72%) dos pacientes. Conclui-se que o perfil dos pacientes com autismo caracteriza-se por indivíduos homens, brancos, com média de 8 anos, colaboradores na higiene oral, porém com baixa adesão ao fio dental. A maioria não realiza terapia ocupacional ou sensorial. Os pacientes apresentam sensibilidade aos sons, toque, seletividade alimentar, com relativa tolerância a cheiros e luzes de consultório. CEP sob registro CAAE: 62415822.2.0000.8160.

Palavras-chave: Odontologia; Transtorno do Espectro Autista; Saúde Bucal



7- EXPERIÊNCIA DO GRADUANDO EM RELAÇÃO AO ATENDIMENTO À PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Aelyzza Antonio Simas

Aluna de graduação do curso de Odontologia do Instituto de Saúde de Nova Friburgo da Universidade Federal Fluminense.

Ana Beatriz de Oliveira

Aluna de graduação do curso de Odontologia do Instituto de Saúde de Nova Friburgo da Universidade Federal Fluminense.

Pedro Fernandes de Souza Lima

Aluno de graduação do curso de Odontologia do Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense.

Flávia Maia Silveira

Professora do curso de Odontologia e docente da Liga Acadêmica Multiprofissional de Apoio à Pacientes com Necessidades Específicas - LAMPNE, Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense.

Bruna Lavinas Sayed Picciani

Professora do curso de Odontologia e presidente da Liga Acadêmica Multiprofissional de Apoio à Pacientes com Necessidades Específicas - LAMPNE, Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Universidade Federal Fluminense.

E-mail para correspondência: aelyzzas@id.uff.br

O atendimento das pessoas com deficiência (PcD) é essencial em uma sociedade inclusiva em que a saúde é um direito de todos. O conhecimento diferenciado para atendimento a PcDs proporciona um tratamento mais seguro, eficaz, empático e inclusivo, sendo indispensável na formação profissional do dentista. Deste modo, o objetivo deste estudo transversal é relatar a percepção pessoal dos graduandos em odontologia participantes da Liga Acadêmica de Apoio Multiprofissional a PcDs e comparar com graduandos não participantes da Liga. Foi enviado um Google Forms em que foram obtidas 30 respostas, sendo 12 (40%) relativas a alunos ligantes e 18 (60%) não-ligantes. A idade variou entre 20 e 26 anos, onde 16 (55%) eram do sexo feminino, todos entre o 5º e 9º período letivo. Destes, 19 (63%) alunos já atenderam PcDs, sendo que todos os ligantes já atenderam e somente 7 (36%) dos outros graduandos atenderam. Em relação ao conhecimento na área, 13 (43%) consideraram insuficiente, sendo estes todos alunos não-ligantes. Além disso, 16 (53%) alunos não se sentem aptos para atender um PcD, sendo 15 (94%) alunos não ligantes e 1 ligante, como também 15 (52%) apresentam empatia como impressão do primeiro atendimento, sendo 6 alunos ligantes e 9 não ligantes, seguido pela ansiedade com 8 alunos (28%), sendo 7 (94%) alunos não ligantes. Dessa forma, percebe-se o diferencial dessa experiência já durante a graduação o que muito provavelmente, levará a efeitos na formação de profissionais inclusivos e mais preparados para os atendimentos de diversos públicos.

Palavras-chave: Odontologia; Pessoas com deficiência; Inclusão social.